

Brasília, 05 de maio de 2006.

Entrevistado: Arquiteto DURMAR MARTINS

Entrevistador: Professor arquiteto MARCELO MONTIEL

MM – 00. Qual é a sua formação?

DM: Iniciei minha formação específica em engenharia civil, cursei pedagogia, música, teatro, línguas, psicologia, licenciatura em desenho e artes plásticas, me fiz professor do segundo grau e do ensino superior, viajei o mundo e saí arquiteto registrado no CREA-DF sob o n. 844/D, desde dezembro de 1972. No segundo semestre de 1995 iniciei meus estudos em Direito, paralelo às atividades de projetos. Desde 2001 estou inscrito na OAB-DF sob o n. 17.292. Entre 2003 e 2004 passei pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS, da UnB, para pós graduação *lato sensu*: Especialista em Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável.

MM – 01. De onde você reputa vir a linguagem que produz o resultado da sua obra de arquitetura.

DM: Penso que toda criação plástica existe potencialmente para aquele que por ela se interessa, mas paralela à formação técnica muitas vezes autodidata, deve existir a paz do lúdico, a formação humanística, o furacão da filosofia e muito "umbigo na prancheta" como fazíamos na UnB em 1970. A linguagem espelhada em meus projetos só se consolidou muito mais tarde. Viagens, estudos complementares, fotografias, filmes, museus, cultura, música, observação, dedicação. O partido é opção forjada na capacidade para reunir na resposta à solicitação, um estudo com personalidade plástica suficiente para se sobrepor aos requisitos do funcional e, com base em sólido conhecimento técnico, garantir o resultado: A forma que provoca a boa surpresa. Projetada, possível de ser construída, atendendo aos ditames da função, mas sabendo bem ocupar seu lugar na criação humana do espaço a edificar e a utilizar. Aqui, lá em Londres, no Camboja, no Thaiti, em Cusco, no Alasca ou no Senegal a linguagem deve responder à cultura, ao sitio e suas peculiaridades, à tecnologia disponível e à coragem do autor para fazer valer sua obra. O projeto hoje nasce da proposta elaborada com infusões de visitas ao local por diferentes vezes, sentindo o sol e a falta dele, a lua, o entorno, dissecando o programa e suas peculiaridades, buscando o prazer de criar, vivendo e vendo cada solução pensada para saber se vingará. Sem esquecer que deve ser aprovado pelo proprietário, pelo poder público e, possivelmente pelos palpiteiros. A gestação, mais ou menos dolorosa, pode levar segundos, dias ou

séculos, quando não sai e você deve dizer-se bloqueado. Na realidade isto somente me aconteceu duas vezes.

MM - 02. Quais são as influências diretas ou indiretas no conjunto de sua obra de arquitetura? Entre os grandes arquitetos, quais você destacaria? Você se identifica mais com a arquitetura de Hans Sharoum, Robert Venturi e Bruce Golf? Existe alguma semelhança entre sua obra e a de Zanine Caldas?

DM: Minha maior influência vem da UnB. É a compreensão do que seja partido conquistada enquanto colava papéis coloridos de formas variadas e manipulava massinhas para praticar a volumetria, vivenciar a plástica. Penso que se os meus projetos de arquitetura chegaram a ter características próprias, estas foram forjadas em muito estudo, vivência e observação com respeito, do panorama da criação nesta hora e em toda a sua historia. Sobressai nas influências o compromisso de acrescentar beleza quando interferindo na paisagem. Trazer com a obra realizada a surpresa plástica sugerida pelo mestre Oscar Niemeyer e a adequação da nova solução ao seu tempo de demonstrar a inteligência humana. Foi para mim determinante, ainda, o período de aprendizado da importância da forma na arquitetura durante minha estada de três anos nos escritórios do arquiteto de linha rigorosamente formalista Mestre Gladson da Rocha. Importante, ainda, pelo amadurecimento das noções de ética profissional naquele início de carreira.

Me soa muito difícil enumerar alguns nomes eventuais destaque como grandes arquitetos. As omissões me inibem e muitos anônimos existirão. O próprio adjetivo merece esclarecimentos em seus critérios. Grande criador, grande produtor de projetos, grande inovador, grande conhecedor da técnica. A tecnologia e a globalização influenciam hoje de forma decisiva os caminhos da arquitetura contemporânea. A visão merece ser global. Eu me identifico com a obra criada que pousa suave sobre a paisagem que a envolve para solucionar uma equação passada ao arquiteto e que, por este complementada, nasce das entranhas da gestação necessária para se fazer edificada e permanecer, se for importante.

Em relação ao mestre Zanine, tive prazer de o conhecer e com ele aprender em diversos encontros mais ou menos curiosos. No projeto Desenvolvimento e Arte da Madeira - DAM no Jardim Botânico do Rio de Janeiro na década de 1980. E na oficina de maquetes da UnB onde as miniaturas saíam aos borbotões. Em outras oportunidades, inclusive naquela quando passando por uma rua do Leblon de certo anoitecer, do carro com a família, virei os olhos para a calçada e pude observar, ao vivo, aquele simpático baiano com rabo de cavalo já grisalho a manobrar suas intimidades e dispensar prazerosa aliviada da bexiga na calçada dos passantes. José Zanine Caldas foi quem me indicou a melhor solução para vencer o vão de 12 metros em madeira que estrutura a nave da capela, com cobertura em asa delta, por mim projetada e construída para a comunidade presbiteriana na QL 7/9 do Lago Norte, em Brasília. Foi um grande maquetista, e por isto, virtuoso artífice da madeira quando por aqui era abundante aquela matéria prima que hoje está, em nome da sustentabilidade, inviabilizada no país para a construção civil ou em escala industrial.

Certamente influenciou minha arquitetura na hora em que fui curtindo projetar em madeira, mas a discussão se ateu aos aspectos daquela técnica pois, a arquitetura procurei criar com a linguagem do material utilizado na solução plástica. Prefiro mesmo projetar em concreto ou aço que possibilitam maiores ousadias.

Hans Sharoum

Robert Venturi

Bruce Golf

MM - 03. Porque suas residências são tão diferentes das outras residências? Porque suas casas têm desenho e volumetria irregulares? (anticúbicas). Não existem em Brasília terrenos irregulares como os triangulares, trapezoidais e, até mesmo em curva, característicos de outras cidades supostamente "não" projetadas. Neste sentido, de onde vem a irregularidade da forma em seus projetos? Seus espaços recusam a simetria e a regularidade.

DM: Projetei muitas residências, mas o entendimento do projeto que me fez solucionar de maneira tão aceita e até admirada a casa, passa por uma visão muito além dela. A arquitetura que vivo, foi cozinhada em banho-maria, construindo e desconstruindo hotéis, escolas, ginásios, clubes, templos, lojas ou casas para um variado leque de finalidades. Apesar de parecerem arquitetura orgânica criada a partir da montagem dos diversos espaços para a definição do partido que estabelece a forma, meus projetos, não somente os residências, mas especialmente os institucionais, são nascidos da gestação com ou sem dor, de um volume, que encaixado com personalidade no sítio possa resultar em acréscimo ao prazer de solucionar adequadamente uma situação trazida pelo cliente. As outras obras residenciais unifamiliares é que são diferentes, por que se vê com raras exceções é a poluição do espaço e o vulgarizar da oportunidade impar trazida ao arquiteto para dar seu recado. A preguiça intelectual alimentada pela resposta fácil e repetitiva vai a reboque da incompreensão generalizada do que seja partido de arquitetura, criação, plástica, volumetria, tecnologia, inovação, adequação, adaptação, decoração, solução estrutural, solução construtiva, gosto pessoal, harmonia...E da incapacidade de ouvir música na arquitetura.

A realidade das exigências do cliente pagador e da especulação imobiliária em geral sobre o trabalho do arquiteto muitas vezes desvia o foco do projeto para as emergências criadas por argumentos pífios, tais como custos e prazos. A forma do terreno influencia, mas não é determinante do caminho a seguir para a criação em arquitetura. Subverter adequadamente esta geometria pode até contribuir.

As irregularidades compreendidas como assimetrias e o descompromissado do partido adotado com aquela solução já consagrada pelo gosto do cliente, pelas influências do marketing ou pelos modismos, estão calcadas na liberdade de projetar viabilizada pela experiência e pela segurança do conhecimento na busca da alegria da criação. O *insigt*. A plasticidade é tudo em qualquer arquitetura que sobrevive ao tempo. Anos colando papezinhos coloridos,

estudando os volumes, as formas, criando associações de texturas, correlacionando a história da arquitetura com a visita e o registro fotográfico de milhares de edificações mais ou menos expressivas, de todos os portes por todo o mundo. Em nosso país, na Ásia, na África, na Europa, ou nas Américas, sempre com a Nikon a tiracolo registrando o sim e o não do resultado através dos tempos e das mais diversas culturas. Viagens de 20 dias com milhares de fotos. O estudo das soluções estruturais e dos materiais contemporâneos, a incorporação de tecnologias e o apoio técnico na assessoria aos projetos complementares são também fundamentais ao resultado.

MM - 04. Para o filósofo pernambucano Evaldo Coutinho (já falecido), existe uma semelhança entre o filósofo e o arquiteto: ambos consideram a realidade como matéria suscetível de tratamento. O filósofo se mune das palavras para transmitir a sensação de seu mundo; o arquiteto de espaços e dos valores por ele elencados. Você concorda com esta semelhança?

DM: Sem mesmo tê-lo conhecido posso concluir que o filósofo percebeu bem. Também acredito que outros já tenham feito esta correlação, pois dissociando a arquitetura criada da sensação restam edificações de projetos fáceis que não somam como deveriam. Acredito que a semelhança com o filósofo aproxima o arquiteto da criação por lhe apontar o caminho da liberdade de expressão. Tal correlação pode explicar a elevada qualidade dos projetos nas sociedades onde a filosofia tem melhor prestígio, como na Holanda, na Itália.

MM - 05. Considerando as principais correntes estilísticas, sua arquitetura é racional ou funcional? Ou seria irracional? É orgânica ou mecânica?

DM: Fico repassando minhas soluções para tentar responder. Não vejo estanque esta classificação, e muito menos onde se encaixa o perfil dos projetos que produzi nos últimos 15 anos. Percebo que amadurecendo profissionalmente, foi aumentando meu prazer de projetar sem compromisso com o que eu já tinha feito ou visto. A minha liberdade mesmo, acima de todas as respostas exigidas nunca se lembrou de uma corrente de estilo. Racional é, no sentido de não subverter a solução a ponto de comprometer o uso. Funcional também na medida que dá conforto ao usuário, mas sem ser funcionalista. O irracional, como falta da razão, não sobrevive na arquitetura, são puros delírios, mas se for por alguém diagnosticado em meus projetos, aceito a discussão.

Orgânica ou mecânica? não vejo o elo. Orgânica, definitivamente minha arquitetura não o é. Se compreendi e estou falando a mesma língua do meu interlocutor, em arquitetura, orgânica, significa solução que resulta da montagem de diversos volumes interrelacionados por fluxos e outros parâmetros. Meu projeto é criado por uma definição volumétrica do partido de arquitetura fundado em um programa de espaços, correlação de volumetria e área, na relação com o terreno a edificar, e amparada na visão espacial do resultado. Formalista mesmo, dispensando adereços complementares

(orgânicos) para dar personalidade à edificação, pois a arquitetura é um recado completo. Bem solucionada, é harmônica, comporta os espaços necessários.

MM - 06. Como você vê a arquitetura pós-moderna ou pluralista contemporânea?

DM: Vejo com o maior respeito a afinidade dos arquitetos a cada uma de suas crenças e penso que a diversidade de opiniões e soluções deve ser incentivada. Por outro lado, acredito que o criador necessário em cada profissional do ramo não deveria se ater a estigmas de estilos fechados, mas sim, permitir passear pela liberdade de criar em todas as linguagens do múltiplo espectro de soluções possíveis. Atrelado a uma delas o autor tolhido, se repete e deixa de criar. Como esquecer os implementos da tecnologia se comparamos as edificações para a Olimpíadas de Munique de 1970 e os estádios para a Copa do Mundo deste ano.

MM - 07. O que é mais forte nas suas casas; o interior ou o exterior? A obra do arquiteto ítalo-paulistano Rino Levi é muito boa, além de ser um modelo de otimização da relação entre natureza-arquitetura, interior-exterior. (Apesar do disparate de sua proposta para Brasília). Para ele (Rino Levi), os forros inclinados e o pé-direito baixo nos dão aconchego e garantem intimidade. Você faz uso desse artifício em seus projetos? Sua arquitetura sofre alguma influência de Rino Levi? (Isso, indiretamente o aproxima de Rino Levi e, por tabela, de Frank Lloyd Wright).

DM: Decididamente a força plástica dos meus projetos, como de qualquer arquitetura bem resolvida – sem pretensão – deve ser mais forte no exterior, na volumetria, na plasticidade da interferência espacial representada pela edificação. O chamado partido cria a forma e se esta é suficiente para fazer valer ao volume, o interior acompanhando a boa solução do todo, complementa a linguagem adotada.

Penso ter sido influenciado de um jeito ou de outro por toda uma geração de grandes arquitetos brasileiros que atuavam quando eu ia definindo a minha praia. Assim, Vilanova Artigas, Rino Levi e seu parceiro Roberto Cerqueira César, Gregori Warchavchik, Oscar Niemeyer, o professor Lúcio Costa, meu mestre Paulo de Mello Zimbres, Pedro Paulo de Mello Saraiva, Paulo Mendes da Rocha, os irmãos M. Roberto, Ohtake, Gasperini, Brackt e um tanto de outros bambas que fazem a boa arquitetura sobreviver aqui. Pelo mundo, aprecio muito a liberdade de projetar de Frank Loyd Wright, a limpeza de Tadao Ando, a técnica e tratamento da textura de Mário Botta, seguidas de infinitas observações, inclusive, como Levi, de que a intimidade deve ser perseguida na residência e os pés-direitos variáveis colaboram com isto.

MM - 08. Quais são os materiais básicos de construção que você usa? Lucio Costa fez uso de treliças de madeira inspiradas

nas venezianas da época colonial, como os *muxarabis no pátio da residência Argemiro Hungria. De onde vem a inspiração no uso de treliças e venezianas de madeira? Como você vê o uso da cor na arquitetura residencial? Quais são as cores que você usa?**

DM: Não tenho preferência pelo material construtivo básico, mas o próprio partido de arquitetura dará o indicativo do elemento adequado à solução ou vice versa, optando pelo insumo, estabelecemos as bases plásticas e a volumetria da coisa criada. Tenho usado muito o concreto de alta resistência e o aço. A ousadia deve estar presente na solução de arquitetura independente da natureza do material a ser utilizado. Ousar em argila (abóbadas), em madeira (pórticos), em concreto (cascas), em aço (balanços) ou mesmos com os novos materiais de altíssima resistência que vêm a reboque das tecnologias significa avançar sobre o já feito, acrescentar à plasticidade dos espaços. As colossais pirâmides, as monumentais colunatas, os espetaculares vãos das catedrais são demonstrações eternas da inteligência humana em cada época. Satisfação é constatar que hoje, por todo o mundo, a tecnologia vem dando resposta brilhante as questões da criação do macro espaço na área mínima, com plasticidade, inovação, adequação, tanto na seara residencial quanto nas edificações institucionais.

Por outro lado, as treliças, sejam lá de madeira como foram em certa época favorável a este material ou de aço, PVC, styropor, teflon, tecido ou bambú como eternamente feito na China e no Oriente como um todo, serão sempre ornamentais e úteis quando bem colocadas. Não acredito que haja inspiração no uso de treliças ou venezianas. Estes são simples elementos complementares da linguagem e fazem parte de um contexto.

Já a cor ou até mesmo a ausência dela, está impregnada na solução, é parte fundamental da leitura que se pode ter da edificação, do seu entorno. Particularmente sempre optei por projetar de forma que a cor, sendo elemento complementar pudesse fazer parte, mas não mudar o resultado da solução. A tentativa foi de fazer com que qualquer cor que venha a cobrir meus projetos edificados, possa resultar em graça e harmonia. A força da solução volumétrica suplantando os adornos e nestes incluída a cor. Assim, se depois de algum tempo o proprietário decide pintar de uma cor completamente pessoal seu imóvel, a solução de arquitetura resiste enquanto solução plástica. Difícil, mas não impossível.

MM - 09. Por que você faz uso de balanços arrojados em seus projetos? Esses balanços criam um efeito tranquilizador/libertário ou de preocupação com a segurança?

DM: Faço uso de balanços porque o orgasmo é indispensável e eu os tenho em profusão quando concebo e aprecio depois de pronto no espaço resultante, a leveza sutil do elemento arquitetônico que avança sem um apoio esperado pelos parâmetros até então consolidados. Que se virem os calculistas quebrando seus paradigmas e saiam de baixo os que se preocupam com a segurança. O efeito é encantador, principalmente quando salientado pela

iluminação, pela cor, pelas texturas em geral, pelo paisagismo ou pelo mobiliário.

MM - 10. Você concorda com a afirmação de que o telhado é o chapéu da casa?

DM: Não me agrada a associação. Acredito que no contexto da arquitetura residencial unifamiliar está o mais rico espaço para a presença dos arquitetos em todos os lugares deste planeta. O telhado, a meu ver, se existir como elemento da composição plástica do projeto será complementar a este, enquanto o chapéu a compor o visual dos humanos tem lá seus múltiplos usos e funções nem sempre de ordem estética.

MM - 11. Você não usa nenhum dos 5 pontos da arquitetura moderna sintetizados por Le Corbusier, nesse sentido, sua casa é anti moderna ou pós-moderna? Você segue alguma tendência pós-moderna?

DM: Não. Procuo evitar tendências. Prefiro ir descobrindo meus caminhos, testando pontos de vista nas soluções que elaboro exercitando minha liberdade de criar. Chutando o pau da barraca encontro forças para esta ousadia. Penso que uso sim, todos os cinco pontos da arquitetura moderna, sintetizados pelo mestre suíço. Fiquei surpreso há pouco tempo percebendo que a igreja que edifiquei a mais de quinze anos em tijolinho e madeira no Lago Norte em Brasília como pagamento de parte dos meus pecados, pode bem ser dita de inspiração em *Ronchamp*. A *Vila Savoy* ou a *Cidade Radiosa* são sempre referências fundamentais na formação de qualquer criador em arquitetura. Moderna, pós-moderna, futurista, contemporânea e outros adjetivos temporais não representam barreiras para a criação em arquitetura, pois esta não necessita se enquadrar, Deve ser, se possível, criadora ao ponto de fazer pensar que abre novas perspectivas à liberdade de bem projetar.

MM - 12. Olhando suas casas do exterior, com suas assimetrias e irregularidades, parece que sofreram um terremoto. É intencional? Essa característica o aproxima do desconstrutivismo de Frank Gehry?

DM: São intencionais enquanto resultado da liberdade de compor. Nem sei bem se estas assimetrias não são simetrias livres que fazem parte da plasticidade que procuro inventar. Definitivamente não são intencionais, se isto for sair compondo assimetrias para que elas sejam a característica do projeto. O terremoto buscado é no sentido de chacoalhar as estruturas do pensamento e usar todo o conhecimento de arquitetura, de instalações, de cálculo estrutural e de execução de obras para propor uma solução inusitada, bela, adequada e exequível, mesmo que com certa luta com os nossos parceiros engenheiros e apoiadores. Desconstrutivista não creio ser o qualificativo mais adequado para as minhas soluções. A falta de compromisso com a lógica reinante vai na

esteira de subverter para divertir, sentir o prazer de criar sem as amarras próprias ou externas.

MM - 13. O casario brasileiro sofreu várias mudanças desde a época colonial. As generosas varandas coloniais foram abolidas com a vinda da missão francesa e a famigerada platibanda européia. No modernismo o telhado tipo colonial também não teve vez. Propõe-se o terraço jardim ou a laje plana. A sua arquitetura revê essas questões e, nesse sentido é historicista?

DM: A beleza da arquitetura colonial brasileira repousa na simplicidade e adequação de suas soluções. Como variante dos casarios portugueses, foi forte quando se viu adaptada ao nosso clima e às disponibilidades de materiais e técnicas de cada região. O historicismo presente em meus projetos residenciais mais recentes está ancorado nos estudos e observações da evolução na utilização do telhado exposto, do beiral generoso, da necessidade da ampla varanda para solucionar o conforto térmico e auxiliar a indispensável leveza.

MM - 14. A geometria sempre esteve presente na arquitetura. Como você relaciona sua obra com a geometria?

DM: Tento escapar da geometria, mas vejo que quase sempre não tenho sucesso. Esta faz parte da minha formação desde o forte pré-vestibular para ciências exatas, depois, cursando engenharia civil na UnB e, ainda, ministrando aulas de geometria descritiva e desenho geométrico por muito tempo. A geometria está impregnada na minha visão plástica, mas tenho sempre buscado fazer com que ela seja instrumento útil como vários outros e não o cerne das influências na solução.

MM - 15. Por outro lado a sensibilidade de seus projetos parece ser o resultado de uma forte relação com a natureza (localidade, terreno, vistas, inclinação, além das condicionantes climáticas). Le Corbusier uma vez disse que não era necessário se submeter à natureza, mas dominá-la. Você domina ou se submete?

DM: Um pouco diferente. Acredito possa não ser imprescindível, mas é muito bom para a obra construída que mesmo dominando a natureza, o criador – sem analogias – da arquitetura, a submeta à natureza. Eu agradeço quando reconhecem a sensibilidade em meu trabalho de projeto e afirmo com convicção que o mote do caminho seguido é harmonizar com a natureza fazendo arquitetura que não a agrida. Mas, Le Corbusier, do alto do seu encantador legado ao mundo da criação arquitetônica, deve ser ouvido e observado com atenção por todos que projetam.

MM – 16. O seus projetos estão integrados com o projeto de paisagismo. Por outro lado, ainda é muito comum, quando se compra um terreno, derrubar todas as árvores. Como você vê essa

questão? Como acontece a relação entre exterior e interior em suas casas?

DM: O mais comum nesta república latino americana cada vez mais inviável do ponto de vista da sustentabilidade, é a auto-construção. Não temos uma cultura de planejamento e muito menos de projeto. Respeitar a própria atividade não passa pela cabeça de muitos dos graduados em arquitetura, os engenheiros têm habilitação para projetar nesta matéria e os órgãos fiscalizadores da preservação da natureza não são priorizados a ponto de impor tratamento adequado do solo a edificar. O proprietário, no afã de ver pronto, da inconsciência do estrago que provoca, manda o trator e depois se vira com o IBAMA ou com a secretaria local de meio ambiente, quando esta existe além do papel. Meus projetos são conduzidos com a presença indispensável da harmonização trazida pelo paisagismo, a utilização integral deste potencial do terreno, e uma luta até o final para não derrubar nenhuma árvore ou vegetação significativa. É tirando partido plástico e proveito para o conforto ambiental destes importantes elementos ou da ausência deles, que projeto. Já mudei muita solução para preservar a beleza de uma Sucupira centenária. Já remanejei várias palmeiras nativas sem subverter sua presença.

MM - 17. Nas academias, incluindo as escolas de arquitetura, cultiva-se o Neoplasticismo de Schoenmaekers, Mondrian e Rietveld e a ortogonalidade com base nos movimentos horizontal da Terra e vertical do Raio, movimentos primordiais e opostos. Até hoje seus projetos não são considerados pela academia. A rigor, você caminha no sentido oposto a essas ortogonalidades. Como você vê essa questão?

DM: Não estou bem seguro do que está ocorrendo nos cursos de graduação em arquitetura com relação à plasticidade. O que penso e expresseo ao participar da discussão acadêmica é que sendo neo, pós ou pré, as artes plásticas devem ser explicadas à luz da liberdade de criar, do *insight* sem compromissos. Mondrian e seus afins, para concluir que o movimento da terra é horizontal e oposto ao raio que sobre ela cai ortogonal deve ter feito muita meditação transcendental, possivelmente com algum aditivo para lhe abrir as "portas da percepção". Mas vale porque sua pintura é linda criação.

Os meus trabalhos em arquitetura e paisagismo poderiam ter maior divulgação e aprovação da própria academia, com uma maior submissão à mídia e ao marketing. Para mim, basta que eu fique satisfeito e que quem entende, goste. A rigor, considero as ortogonalidades, mas me seduz muito mais quando criando em arquitetura, que o resultado seja eu, com ou sem elas.

MM - 18. Considerando que ordem e harmonia são características apolíneas, e que a desordem, desequilíbrios e transbordamentos, são dionisíacos; sua casa é apolínea ou dionisíaca? Qual é a sua praia na Mitologia Grega?

DM: De Apolo cultivo a beleza, o equilíbrio, a sobriedade e a disciplina, mas não posso negar que me encanta o astral de Dionísio e seus ciclos vitais da alegria e do vinho. Por Baco, a minha arquitetura, não só a da casa, fala do primeiro, mas vai à praia mesmo é com este último. Transbordando.

MM – 19. O prestigiado físico russo Ilya Prigogine argumenta que "a desordem não é o caos, mas a parteira de estruturas racionais. (Santos, 2004: 44). Suas irregularidades e assimetrias são caóticas? Ou sua desordem é controlada?

DM: Na verdade creio que não consigo nem mesmo atingir a desordem. Trabalho com a idéia de subverter a ordem, não em função de perseguir o caos, mas por acreditar que algo está, ainda, a ser criado. É certo que o ser vai evoluir cada vez mais, se superando na arte de inventar em arquitetura. Que me perdoe discordar o laureado físico soviético, minha desordem não resulta em estrutura racional porque nesta não acredito, significa é liberdade, passando por assimetrias e subversões, sem o caos.

MM – 20. De um modo geral os projetos arquitetônicos não são adequadamente discutidos. Você discute seus projetos com seus clientes? Antes, durante a obra e depois, quando já habitam a casa?

DM: Me permita discordar da premissa. Penso que os bom projetos são sempre muito bem discutidos, de preferência, antes. Por isto são projetos. Eles não são para serem discutidos depois. Desde o programa simples até o mais complexo, do cliente mais participativo e mesmo daquele indiferente que o autoriza a propor, saem informações que precisam estar contempladas na solução. Hoje, com as incríveis ferramentas digitais de estudo e apresentação dos projetos complicou para o arquiteto, porque antes, quem tinha visão espacial enxergava (o arquiteto), quem não tinha, não era capaz de ficar enfiando a colher de pau na sopa do outro.

Quando, em 1990, o projeto do pavilhão central de Colégio Sigma, em Brasília, saiu de minha cabeça e em uma semana da contratação o partido foi apresentado aos proprietários desenhado com giz na lousa como em uma aula, teve sua discussão e aprovação concluída em duas horas. A obra de 4.000 m² ficou pronta daí a 9 meses contendo tudo que estava definido e aprovado. Decorridos mais de quinze anos de intenso uso, com jeito de que foi concluído ontem, o edifício permanece forte como solução plástica de arquitetura institucional, admirado pelo cliente, por pais e alunos.

Na casa, naturalmente, é bastante diferente. E muito mais complicado. O envolvimento pessoal do arquiteto com aquele projeto de vida do contratante, extrapola para as mais complexas e variadas consequências. A maioria dos clientes é insegura sobre o que quer. Boa parte dos casais se espetam, e até se separam durante a aventura. O trato é com no mínimo dois, o casal, sendo um de Marte e outro de Vênus, um calmo o outro agitado, um rico o outro pobre, um novo outro velho, um sonhando a levitar o outro cravado na terra e todos trazendo esta carga para o mágico que vai fazer com que a casa lhes

resolva os problemas mentais. Pode complicar mais ainda quando entram os filhinhos pentelhos, os colegas de repartição que também estão construindo, os vizinhos e amigos palpiteiros, arquitetos frustrados que fizeram um curso de decoração de meia hora e mandam ver na sugestão de cores, texturas e modificações mais radicais. Aí é o inferno do profissional que se vê obrigado a defender sua solução minuto a minuto até a completa exaustão. Por outro lado existem aqueles que respeitam e acrescentam à labuta do profissional, trazendo saldo positivo à gratificante atividade de projetar.

MM - 21. Que projetos você está elaborando e quais foram seus últimos projetos significativos?

DM: Algumas residências edificadas ou em edificação são fortes expressões do meu trato com o projeto. Estou concluindo o de um estabelecimento de ensino com mais de vinte mil metros quadrados a ser edificado na Asa Norte em Brasília. Um partido com plasticidade e inegável expressão arquitetônica.

MM: Obrigado.

DM: Obrigado.